

centrí fuga

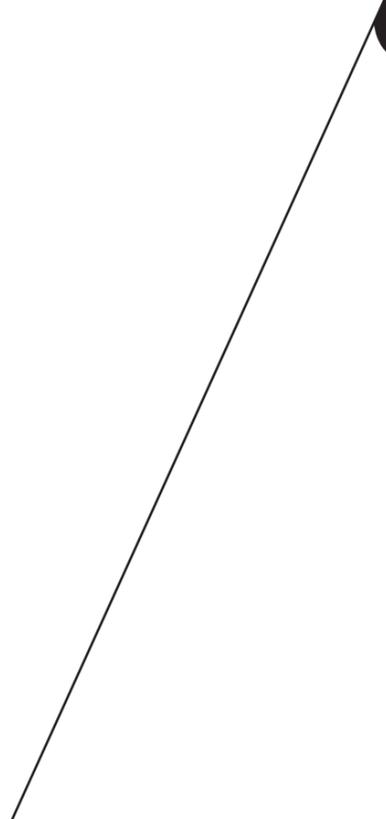


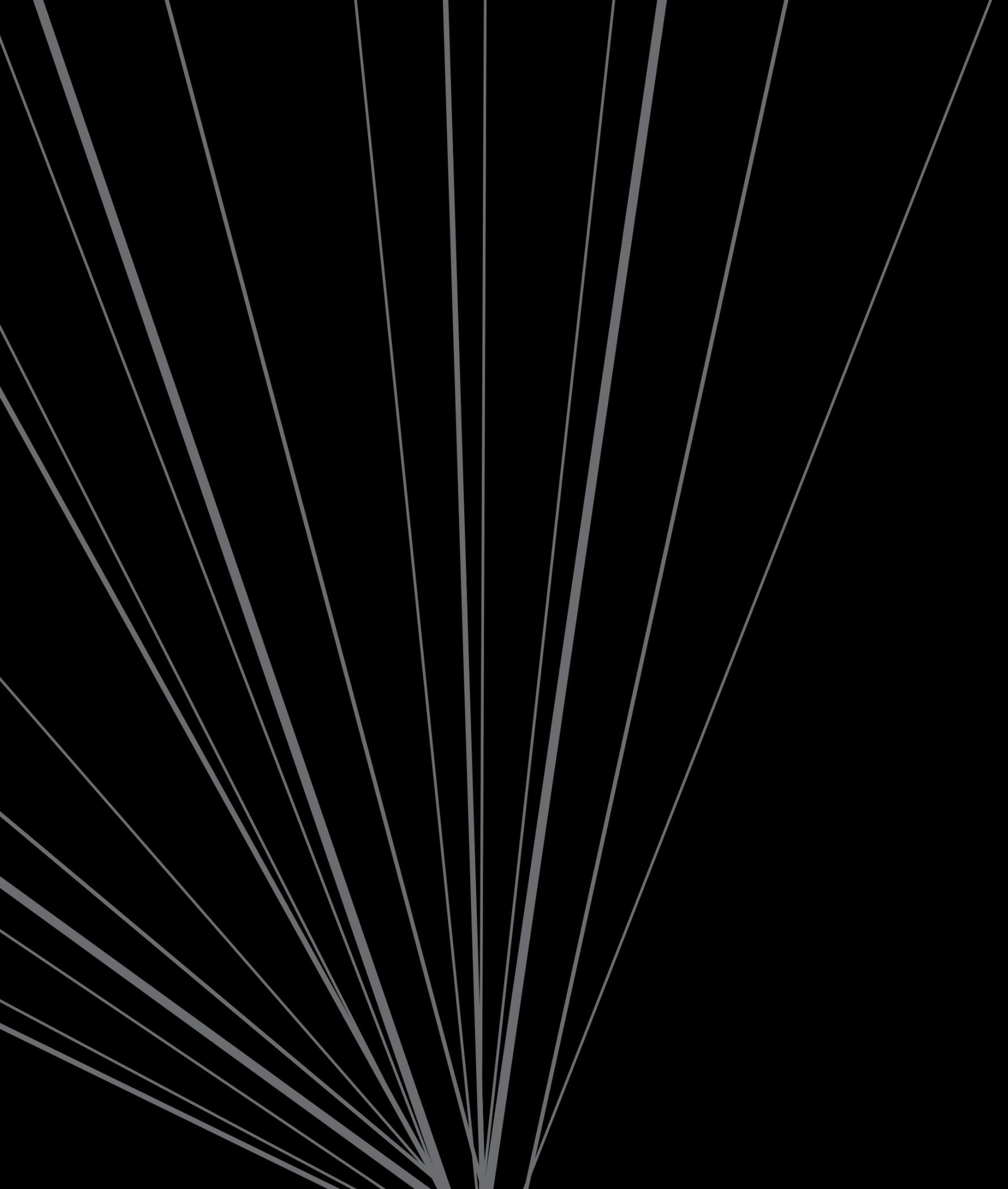
COMO É QUE VOCÊ FAZ ISSO?

Música | Literatura | Cinema | Teatro Artes Visuais | Performance

29 e 30 de novembro, 1 e 2 de dezembro de 2018

centrí
fuga





SUMÁRIO	APRESENTAÇÃO	5
	ARTES VISUAIS	7
	MÚSICA	8
	CINEMA	10
	TEATRO	12
	AÇÃO CULTURAL	14
	LITERATURA	15

APRESENTAÇÃO

GIRA E MISTURA TUDO Cadão Volpato

Centrífuga é um projeto acalentado pelo Centro Cultural São Paulo desde que começamos. Como a ideia principal sempre foi o intercâmbio entre todas as curadorias, nada melhor que um evento desse porte, um motor capaz de criar aqui dentro aquilo que será exposto para o lado de fora (o lado de fora sendo aqui mesmo, no prédio do CCSP). Um festival gestado aqui mesmo.

E feito de coisas simples. O motor parte de uma pergunta sobre o Processo Criativo: *Como você faz isso?* E cada uma das curadorias, com a ajuda de artistas e personalidades que escolhemos, responde.

A curadoria de Artes Visuais produziu, com diversos artistas, um material inspirador para as portas de nossos banheiros. São poemas, desenhos, o que vier. Chama-se, simplesmente, *Porta de banheiro*. O Teatro traz um trabalho intitulado *Black Brecht*, que percorrerá as nossas dependências com um texto e uma concepção provocativos. A curadoria de Cinema homenageia um grupo histórico de fantásticos curtametragistas dos anos 90, o Paraísos Artificiais, que revive seus melhores momentos com debates e exibição dos filmes. O pessoal desta superprodutora vai responder à pergunta primordial (*Como você faz isso?*) voltando ao passado.

A Cia do Tijolo, sugerida por nossa curadora do teatro infanto-juvenil Lizette Negreiros, cria um imenso Coral Cênico que você encontrará por aí, em nossa casa. Lizette tem ela mesma uma experiência a contar sobre esse grupo.

Nossa Ação Cultural traz o fabuloso artista Andrés Sandoval pilotando um grupo de ilustradores cuja missão é transformar em flip-books aquilo que nossos dançarinos fazem diante dos reflexos dos corredores. Como você sabe, uma das grandes atrações do CCSP são esses dançarinos-por-conta-própria, que vão do K-pop ao hip-hop e ao clássico com a mesma desenvoltura.

Já a curadoria de Literatura preparou um corpo-a-corpo dos escritores com seus leitores. Eles autografam os livros e olham nos olhos do seu público. Enquanto isso, a Música providencia uma incrível troca de experiências numa oficina de MC e percussão sob o comando do rapper Kamau e do percussionista Ari Colares, que se apresentam na mítica Sala Adoniran Barbosa.

Tudo acontecendo ao mesmo tempo, nesse mesmo instante, tudo partindo de dentro para fora, do Centro Cultural São Paulo para o seu público, sem dúvida o mais dinâmico da cidade. Um movimento de **Centrífuga** para encerrar 2018 com chave de ouro.

Cadão Volpato é diretor do CCSP



Enfado
Tadeu Jungle

ARTES VISUAIS

Porta de banheiro

Desviar-se do centro e reter-se na borda

O desvio conduz a uma porta. Biombos em espaços público e privativo mediam. No Centro Cultural São Paulo a porta é suporte para expressão artística na exposição Porta de banheiro, coletiva que integra o Centrífuga. Inspirada nessa comunicação intimista e pública – quem nunca ficou retido nos grafitos de banheiro? –, a exposição propõe apresentar escrituras visuais para além do imaginário de portas de banheiro. Simultaneamente, trabalhos duplicados de artistas são expostos em dois lugares ao mesmo tempo, na Praça das Bibliotecas, área central, e distribuídos pelas portas de banheiro do CCSP. São fotografias, poesia visual, gravura, entre outros trabalhos de Adalgisa Campos, Alexandre Alves, Ana Santos, Aprígio Fonseca, Danielle Fonseca, Eduardo Castro, Evandro Prado, Genilson Soares, Gsé Silva, Helô Sanvoy, Icaro Lira, Maira Vaz Valente, Moisés Patrício, Tadeu Jungle, Walter Silveira.

De 29 de novembro a 16 de dezembro de 2018

Curadoria: Maria Adelaide Pontes

Local: Praça das Bibliotecas e portas de banheiro do CCSP

Diferença: potência

Carla Lombardo e Ж dançam para não dançar

Os artistas Carla Lombardo e Ж apresentam o concurso de dança *Diferença: Potência*. A proposta é parte integrante do projeto artístico de Carla Lombardo e Ж, dupla selecionada do Programa de Exposições CCSP 2018 que participa da II Mostra com o projeto A União do Povo - que inclui a chamada de dança *Diferença: Potência*, a partir de uma coreografia inspirada nas junções de construções populares do Nordeste. A dupla convida grupos de dança, grupos de estudo, movimentos sociais, coletivos, companhias, agrupações temporárias e associações culturais que atuem em diferentes áreas (artística, política, clínica, social) a se apresentar na Chamada com uma coreografia ou um movimento que se relacione/questione/dance uma União do Povo.

Chamada: 27 de setembro de 2018

Prazo para propostas: 23 de novembro de 2018

Inscrição pelo link: <http://tinyurl.com/chamada-uniaodopovo>

Apresentações: Sala Jardel Filho, dia 01 de dezembro, sábado, a partir das 14h00

O grupo escolhido receberá o prêmio de R\$ 1.000 (mil reais)

MÚSICA

Entre batidas e palavras

A aproximação de percussão e rimas de rap num espetáculo criado em frente ao público

Alexandre Matias

O segredo do sucesso do rap foi reduzir a banda ao par de vitrolas do DJ. Ao deixar os músicos de lado para focar no ritmo e no vocal, uma das principais culturas musicais contemporâneas inventou um instrumento musical a partir de um equipamento de som. Mas também foi em busca das raízes da história da música, quando antes da invenção de quaisquer instrumentos, o ser humano cantava com a voz e com ritmo.

Porque a vitrola, nas mãos do DJ, é um instrumento de percussão. É um atabaque com timbres sampleáveis, um bongô pós-moderno que permite que as batidas soem com timbres de sopro, metais, cordas, vozes e possam expressar uma musicalidade própria. Assim, a curadoria de música do Centro Cultural São Paulo propõe a colaboração entre música erudita e popular, rappers e percussionistas, em busca de conexões que estão na base da musicalidade humana.

É a partir desta constatação que pensamos na atividade do Centrifuga, que atravessará os dias 29 e 30 de novembro e 1º e 2 de dezembro abrindo a possibilidade para o público acompanhar o processo de criação de um espetáculo. Convidamos dois craques de duas áreas diferentes – o rapper Kamau e o percussionista Ari Colares – para escolher novos pupilos e mostrar uma apresentação que reunisse ritmo e poesia, usando o rap como base para criar novos diálogos com instrumentos de percussão.

Kamau é um dos principais nomes do rap deste século no Brasil, tendo começado a rimar ainda nos anos 1990 e participado de grupos como Consequência e Quinto Andar. Sua carreira solo começou há dez anos e ele esteve envolvido com os principais nomes da cena brasileira, sempre em destaque.

Ari Colares, por sua vez, é um dos principais percussionistas do país. Acompanhou nomes como Arnaldo Antunes, Naná Vasconcelos, Yamandu Costa, Pena Branca e Xavantinho, Mônica Salmaso, Paquito D’Rivera, além de atrações internacionais como Ricky Martin e Wynton Marsalis. Também é professor de percussão na Escola de Música do estado de São Paulo.

Juntos, os dois escolheram novos rappers e percussionistas que irão passar por dois dias de convívio teórico, na quinta e sexta-feira 29 e 30 de novembro, em uma das salas de ensaio do Centro Cultural São Paulo, para partir para a prática em ensaio aberto, na sala Adoniran Barbosa, no dia 1º de dezembro. Juntos, construirão a base para um show que será apresentado pela primeira vez no dia seguinte, no domingo, dia 2 de dezembro, às 18h, também na Adoniran.

Quinta e sexta, das 14h às 20h – Sala de Ensaio 2
Sábado, das 16h às 19h, e domingo, das 18h às 20h – Sala Adoniran Barbosa
Grátis – a bilheteria será aberta duas horas antes do início da apresentação para a retirada de ingressos, indisponíveis na internet: cada pessoa poderá retirar um par

Alexandre Matias é curador de música do CCSP

Kamau
foto: divulgação



CINEMA

Paraísos Artificiais

Cinema em grupo

Carlos Pegoraro

A década de 1990 foi um período de crise em que não existia nenhuma perspectiva positiva para o cinema nacional. As medidas tomadas pelo então presidente Fernando Collor de Melo levaram ao fim da Embrafilme, a empresa estatal responsável pelo maior investimento de produção de filmes nacionais, que chegou a garantir a ocupação de 35% das telas de cinema. Em 1992 foram lançadas apenas 9 produções nacionais, um momento extremamente crítico. No mesmo ano é formada a produtora Paraísos Artificiais, composta majoritariamente por estudantes de cinema da ECA-USP.

O grupo foi composto pelos alunos Christian Saghaard, Débora Waldman, Marcelo Toledo e Paulo Sacramento, com o quinto sócio sendo Paolo Gregori, que já havia se formado em cinema pela FAAP. Em um tempo em que o cinema brasileiro praticamente não existia, os realizadores buscaram suas inspirações no Cinema Marginal, tomando como regra uma das frases de *O Bandido da Luz Vermelha* de Rogério Sganzerla: "Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha". Ou seja, uma filmografia feita sem recursos e investimentos, que fugia de obras convencionais do cinema paulistano, tangendo o experimentalismo, utilizando diversas bitolas (35mm, 16mm e Super 8). A inspiração veio a partir da mostra Cinema de Invenção, que reunia diversos filmes citados na obra do crítico de cinema, Jairo Ferreira, onde encaixa um seleto grupo de diretores na categoria de inventores. Jairo acabou se tornando uma espécie de guru para os sócios da Paraísos Artificiais chegando a participar de alguns exercícios e experimentos.

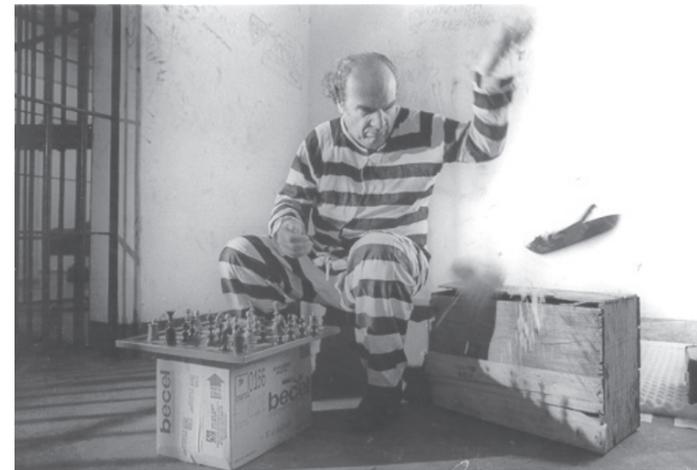
Mesmo atuando num curto espaço de tempo, entre 1992 e 1996 a Paraísos Artificiais demonstrou sua importância durante um período onde a ausência de grupos era descrita por muitos pesquisadores como o grande problema da produção nacional, o que dificultava a troca de experiências que é essencial para a difusão das obras realizadas por jovens aspirantes. O trabalho entre os integrantes da Paraísos Artificiais não era uma formalidade, mas a participação constante entre eles em diferentes funções foi um ponto chave para uma produção prolifera totalizando cerca de 13 filmes finalizados, desde obras secretas e exercícios experimentais até trabalhos elaborados com incentivo de editais. Foram exceções filmes que obtiveram algum tipo de financiamento, como *Noite Final Fenas Cinco Minutos*, dirigido por Debora Waldman, vencedor do Prêmio Estímulo.

O legado da Paraísos Artificiais foi a persistência de uma filmografia paulistana contemporânea que fez parte da Retomada do cinema brasileiro. Uma produção que obteve mais prestígio em festivais internacionais do que nacionais, mas que ganhou reconhecimento nos últimos anos por pesquisadores e curadores. A mostra vai trazer a discussão da importância da formação de grupos cinematográficos focando na produção do curta-metragem. Serão exibidos os filmes dirigidos pelos integrantes da produtora Paraísos Artificiais, alguns no formato de película 16mm e 35mm, além de uma conversa com Paulo Sacramento e um debate com os realizadores Paolo Gregori, Marcelo Toledo e Christian Saghaard, mediado pela cineasta Carolina Ghidetti, autora da pesquisa *Paraísos Artificiais: Novos Rumos em Tempos de Crise*, realizada durante a graduação de cinema sobre orientação de André Gatti.

Carlos Pegoraro é co-curador de cinema do CCSP



1



2



3

1. *Noite final menos cinco minutos*
 2. *Atrás das grades*
 3. *Kyrie*
- fotos: reprodução

PROGRAMAÇÃO

28.11. Quinta

17h00 - *INVASORES*
(de Marcelo Toledo)

19h00 - *KYRIE; NOITE FINAL MENOS CINCO MINUTOS*
(de Debora Waldman);

AVE; JUVENILIA
(de Paulo Sacramento)

29.11. Sexta

17h00 - *O PALCO; SINHÁ DEMÊNCIA E OUTRAS HISTÓRIAS; MERESSIAS*
(de Christian Saghaard)

19h00 - *O FIM DA PICADA MERESSIAS*
(de Christian Saghaard)

30.11. Sábado

17h00 - *MARIGA; QUE FIM LEVOU A MOCINHA DA SAUNA MISTA; ATRÁS DAS GRADES; FEIJÃO E O SONHO*
(de Paolo Gregori) + conversa entre Paolo Gregori e Paulo Sacramento

19h00 - Sessão com sonorização ao vivo de Paulo Beto dos filmes *O PORTAL, AVE CINEMA, JUVENILIA* e *RIOCORRENTE*
(de Paulo Sacramento)

01.12. Domingo

16h00 - Debate com Christian Saghaard, Marcelo Toledo e Paolo Gregori mediado por Carolina Ghidetti, autora do artigo científico *PARAÍSOS ARTIFICIAIS: Novos Rumos em Tempos de Crise*

19h00 - *CORPO PRESENTE*
(de Paolo Gregori e Marcelo Toledo)

TEATRO

Assim é, se lhe parece

Um coral passeia pelo CCSP

Lizette Negreiros

Canta por quê? Porque gosta? Sim gosto. Queria ser cantora. Entretanto, consegui reunir as duas coisas por isso sou uma cantatriz. Como fiz isso? Bem, não é fácil interpretar um personagem que tem solos de canto, faz parte do coro, da coreografia e ainda diz o texto. Tem que aprender. Tanto pode ser em um musical, como em um espetáculo em que cabem diferentes linguagens para formar o todo do trabalho. Há que se adquirir experiência. Ter bons profissionais para administrar as técnicas de cada linguagem como, por exemplo, o diretor musical. O maestro. O cara tem que ser bom. Também vale para ela. Tanto faz, ele ou ela. Ambos têm que entender do riscado, fazer você cantar mesmo que não leia partitura ou mesmo que tenha uma voz dessas "mais ou menos" entre afinada e desafinada e muita vontade de aprender. Fundamental: saber ouvir. A partir daí, seja em um coral, em um conjunto, em um coro cênico ou de igreja é aprender a abrir e fechar a boca para cantar, respirar, sustentar a nota, esperar o tempo entre uma estrofe e outra, saber quando entra forte, piano, pianíssimo, entender o gestual das mãos do regente, não desafinar, cantar e cantar e cantar, sem ter vergonha de ser feliz. Pelo contrário, fazer as pessoas felizes. Experimente!

O Canto Coletivo em Cena é uma forma de expressão artística potente e vigorosa. William Guedes, diretor Musical da Cia do Tijolo, coordenará uma vivência de Canto Coletivo abordando a atuação musical por meio da voz. Os participantes se reunirão em um grande coro para a montagem de um repertório musical. Isso motivará o estudo da técnica vocal e a pesquisa em torno das potencialidades expressivas da voz.

Dia 01 de dezembro
das 15h às 18h – Estudo na sala de ensaio 2
19h – Intervenção no Foyer

Dia 02 de dezembro
das 16h às 18h – Estudo na sala de ensaio 2,
19h – Intervenção na Praça das Bibliotecas

Lizette Negreiros é curadora do teatro infanto-juvenil

E se Brecht fosse negro?

Em busca de uma nova humanidade possível

Processo de imersão poético/político com o coletivo Legítima Defesa, aberto ao público em geral com interesse em temas relacionados à Negritude e seus desdobramentos poético-políticos. Ao fim de cada dia será apresentada uma intervenção poético-política* criada a partir desta provocação, construída sobre uma perspectiva afro brasileira diáspórica da obra e dos procedimentos de Brecht.

Materiais disparadores: O julgamento de *Luculus* (Brecht), *Estudos sobre o Teatro* (Brecht), *Crítica da Razão Negra* (Achille Mbembe), *Discurso Sobre o Colonialismo* (Aimé Césaire), *Pode o Subalterno Falar?* (Gayatri Chakravoty Spivak), *Retrato do Colonizado*, *Precedido de Retrato do Colonizador* (Albert Memmi), *A Elite do Atraso* (Jessé de Oliveira). Direção: Eugênio Lima. Elenco: Eugênio Lima, Walter Balthazar, Luz Ribeiro, Jhonas Araújo, Gilberto Costa, Palomaris Mathias, Tatiana Rodrigues Ribeiro, Fernando Lufer, Luiz Felipe Lucas e Luan Charles. Produção: Iramaia Gongora e Gabi Gonçalves

Sábado, às 17h30. 40min. 16 anos

Onde: áreas de convivência

Grátis (sem necessidade de retirada de ingressos)

*A intervenção será realizada após a imersão que acontecerá nos dias 27 de novembro a 1º de dezembro, de terça a sexta, das 19h às 21h30, e sábado, das 14h às 16h30, na Sala de Ensaio 2

Inscrições em <https://is.gd/03CohV>

1. Bertolt Brecht
2. Eugênio Lima
fotos: internet



1

2



AÇÃO CULTURAL

Dança É Desenho

Andrés Sandoval, Maroca Sampaio e Nicolás Llano dançam no papel

Intervenção artística e prática de desenho livre: dirigida ao público em geral, o CCSP convida a elaborar desenhos a partir da observação das coreografias praticadas espontaneamente nos nossos espaços de convivência.

Usando a linha - elemento básico do desenho -, o participante criará formas em movimento que interpretem estas danças no papel. Estas traduções gráficas dos vários estilos de danças praticados no CCSP serão realizadas em formato flipbook, o qual consiste num conjunto de imagens organizadas em sequência, em geral no formato de um livreto, que, ao ser folheado, produz um efeito de movimento nas imagens.

Durante a atividade serão oferecidos ao público exemplos de alguns libretos elaborados pelos artistas anteriormente com o objetivo de guiar as criações gráficas a serem feitas pelos usuários. Os participantes poderão desenhar suas próprias sequências coreográficas e interagir com mutoscópios, criados especialmente para apresentar as sequências previamente desenhadas.

Os mutoscópios foram desenvolvidos em residência artística nas oficinas do CCSP, reciclando antigas peças da serralheria. Mutoscópios são antecessores do cinema moderno, dispositivos que contêm uma sequência de imagens impressas em papel, colocadas num carretel ou tambor, que, ao ser ativado por meio de uma manivela, produz um efeito de movimento.

Criado em 1894, o mutoscópio é uma espécie de cinema mecânico que permite reproduzir no papel o efeito de movimento de maneira analógica. Os diferentes resultados serão registrados em vídeo e fotografia, e disponibilizados na internet com o objetivo de criar um repositório memorial da atividade e promover futuros usos. Artista plástico e ilustrador responsável pela seção Esquinas da revista Piauí desde o número 1, Andrés Sandoval é o maestro dos mutoscópios girando no espaço do CCSP; artista gráfico baseado em São Paulo, graduou-se em arquitetura pela USP e desenvolveu grande parte de seu trabalho em livros. Criador de padrões e desenhos para grandes marcas comerciais, desenhou paredes murais em espaços públicos e privados; publicou em selos como Companhia das Letras, Cosac Naify, Planeta Tangerina e revista The New Yorker.

Quando: 1 e 2 de Dezembro
Onde: Espaços de convivência CCSP
Aberto ao público geral
(sem necessidade de retirada de ingressos)
14h - 18h
Desenho

Batida Gráfica

Uma oficina com Cecília Arbolave e João Varella

Em pleno avanço do digital, nada como a expressividade da tinta e do papel: numa época em que nunca foi tão acessível usar a impressão digital, técnicas gráficas artesanais ganham grande relevância por seu valor de autenticidade, por seus processos repletos de tentativa-erro-acerto-descoberta, pela influência que o tempo mais lento desperta na criatividade. A oficina prática Batida Gráfica propõe imergir por três dias no ateliê público **Folhetaria**, com orientação teórica e prática dos editores da Lote 42 e da Gráficafábrica. O processo será ora coletivo, ora individual, valendo-se de diferentes equipamentos de impressão manual da própria Folhetaria. O primeiro dia da oficina será de planejamento, introdução ao curso e às primeiras experimentações. O segundo dia será de testes e seleção de trabalhos. No terceiro dia, a exposição se instala na Praça das Bibliotecas.

Quinta e sexta, às 19h; e sábado, às 14h - 180min (a cada encontro) - 16 anos - Folhetaria (15 vagas).

Inscrições: dgmelo@prefeitura.sp.gov.br.

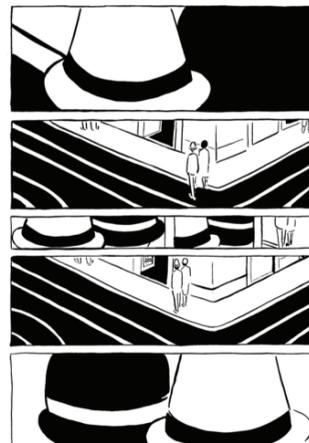
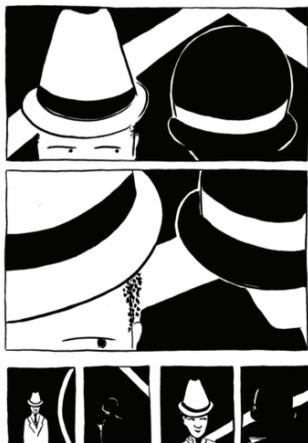
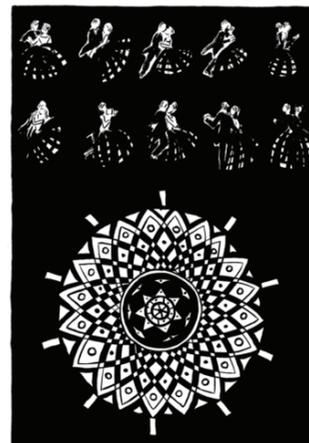
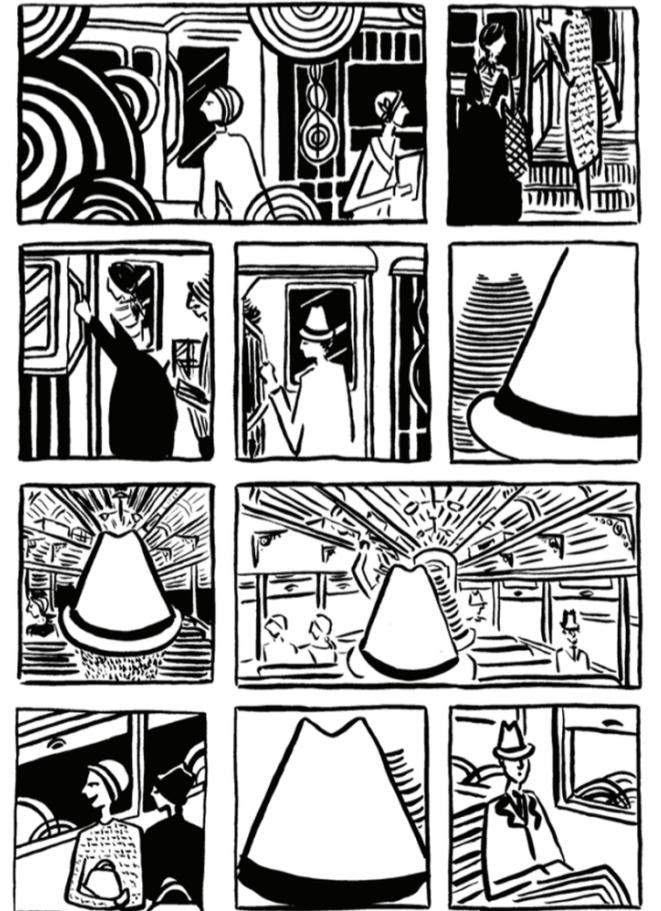
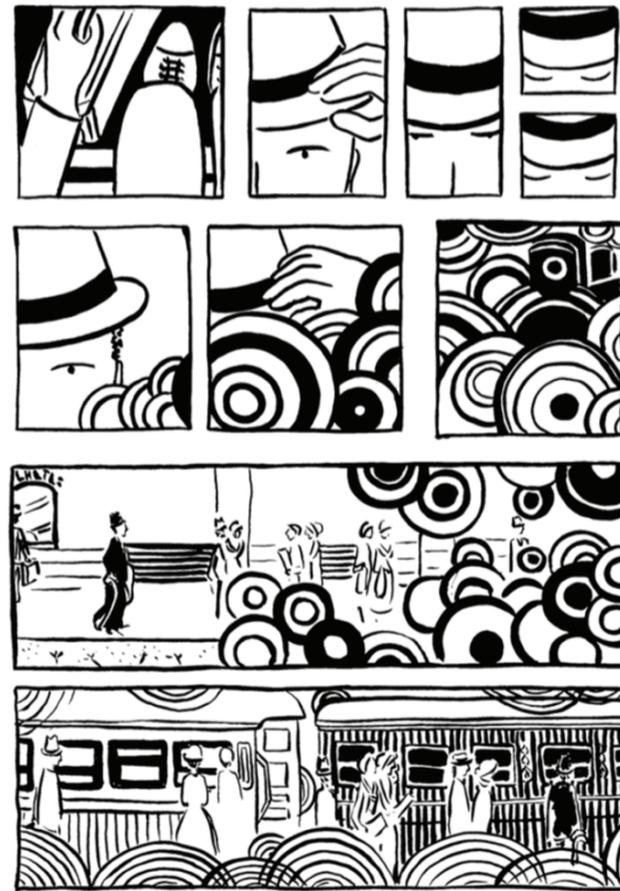
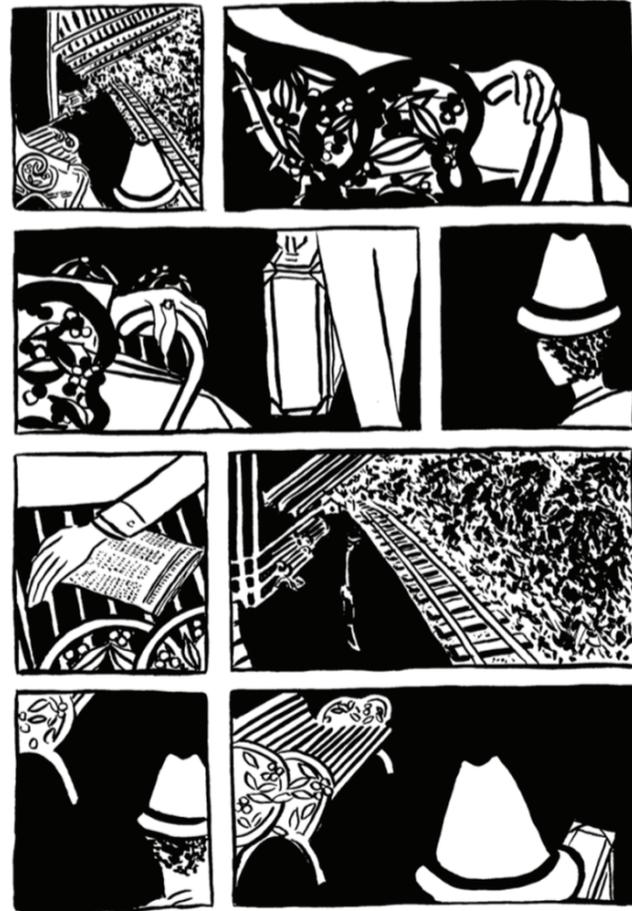
Seleção: por ordem de recebimento de e-mail. Os selecionados receberão confirmação por e-mail

LITERATURA

Corpo a corpo com os escritores

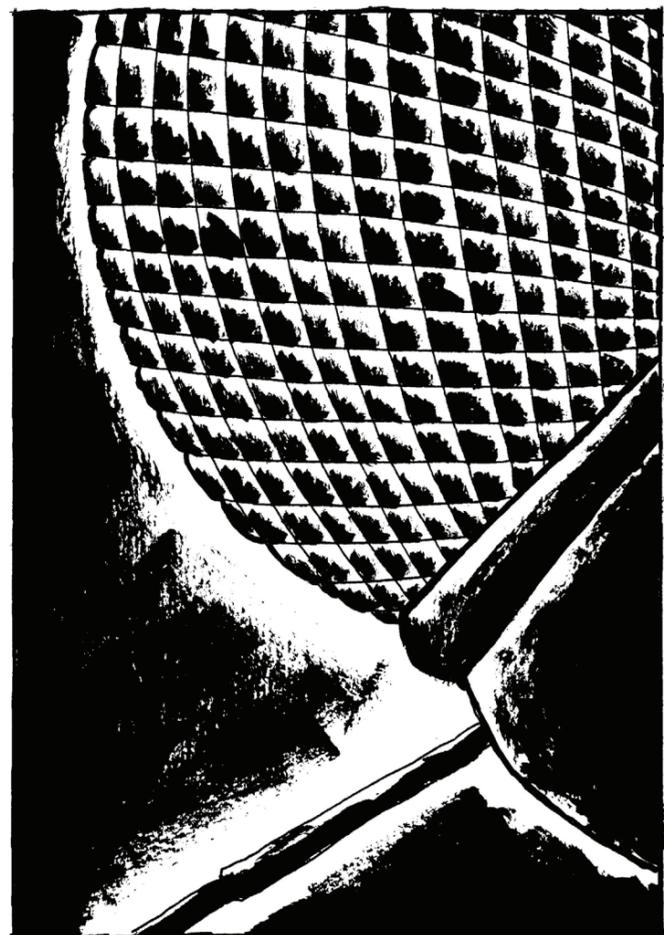
Como é que você faz isso?

Sede da segunda maior biblioteca da cidade, o Centro Cultural São Paulo convidou quatro escritores e dois quadrinistas para falar sobre seu processo de criação, sábado, 1º de dezembro, a partir das 18 horas, na Praça das Bibliotecas. São eles os quadrinistas Luli Penna e Marcelo D'Saete, os prosadores Gustavo Pacheco e André de Leones, com mediação de Ronaldo Bressane. Após o papo, os autores ficam mais um pouquinho para conversar com os leitores. Grátis (sem necessidade de retirada de ingressos). Aqui você pode conhecer um pouco do seu trabalho.

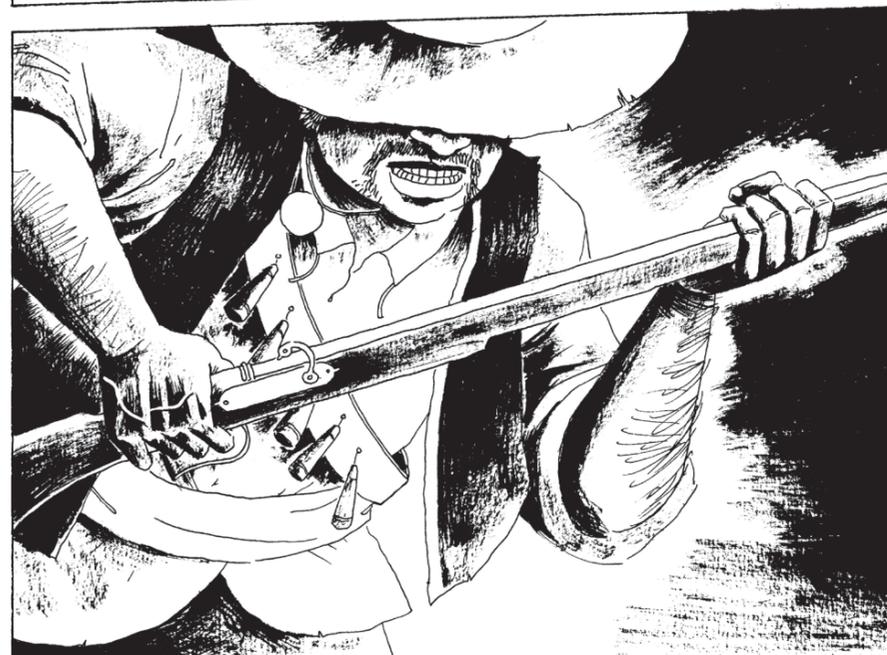


LULI PENNA

Nascida em São Paulo em 1965, formou-se em Letras na FFLCH da USP, onde defendeu mestrado e abandonou o doutorado para se tornar ilustradora. Trabalhou em diversos jornais, revistas e editoras até sentir saudades de escrever e virar cartunista. A partir daí publicou em várias revistas femininas e no jornal *Folha de S. Paulo*, onde manteve a charge "Aqui na Esquina" no caderno Ilustrada. Publicou o livro de cartuns *Totalmente Grávida* pela Publifolha, e *Sem Dó*, sua primeira graphic novel, pela Todavia (de onde tiramos as imagens destas páginas). Seu trabalho pode ser visto no site www.lulipenna.com.br.



SOARES, TUA MISSÃO
SERÁ GRANDE...



MARCELO D'SALETE

Nascido em São Paulo em 1979, é quadrinista, ilustrador e professor. Mestre em história da arte pela USP, estreou como quadrinista em 2001, publicando nas revistas *Quadrecia* e *Front*. Sua primeira graphic novel, *Noite Luz*, foi publicada em 2008, pela editora Via Lettera. Em 2011, publicou a história em quadrinhos *Encruzilhada*, pela editora LeYa. Suas obras mais aclamadas tratam da história da resistência à escravidão no Brasil pela ótica dos povos negros: *Cumbe*, de 2014, e *Angola Janga*, de 2017 (de onde saíram as imagens a ilustrar estas páginas), ambas publicadas pela editora Veneta – este último, uma história sobre o Quilombo dos Palmares, levou onze anos de pesquisa e criação pelo autor. A edição norte-americana de *Cumbe* (*Run for It*) venceu o prêmio Eisner de melhor edição americana de material estrangeiro em 2018.

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

A importância de ser ninguém

Ninguém furou meus olhos.
Ninguém nunca me tratou assim antes
com a ponta da lança no fogo
afiando nos meus olhos
a fúria dos dias elétricos
nos rompantes e nos bondes
é importante ser ninguém
pra poder ser cavalo
você tem que ser ninguém.
Ninguém faz uma dessas comigo.
Ninguém é seu amigo ou pode passar discreto
quando não há sombra no meio do abismo.
Mesmo Ulisses tinha às vezes um barco
mas ninguém por um instante foi
capaz de dar um salto e quebrar uma perna no espaço
respirar no pulmão de uma estrela não é pra qualquer um
nem a própria estrela teria a capacidade de ser
ninguém é o astucioso
capaz de conhecer o real da realidade
e sobreviver. Lúcido, inaparente e imutável:
ninguém. Ninguém não é um gigante.
Mas eu me curvo a ninguém.
Quando ninguém olhar para a minha mão esquerda
não verá a direita
dentro do bolso
pois os dias estão frios.
Não há ninguém nas ruas depois de certa hora da noite
é agosto e neste hemisfério ninguém morre aos montes
— trata-se de uma ironia o verso anterior
e como toda ironia foi ninguém que a colocou aí.
Não fui eu quem disse
foi tantas vezes dito que já foi por ninguém
é importante dizem os autores que o autor seja ninguém
eu autora disto aqui trabalho como ninguém
fico zonha feito ninguém
nunca me deixou assim antes
enquanto eu sobrevivo
eu reconheço eu esqueço
eu fumo
o desprezo o nojo a inveja
a euforia a imaginação o tesão
se recombina nas bases capilares do meu pulmão
fragmento de estrela luminosa
muco aversão à lactose amor pelo chocolate
banho de oliveira rosa branca tomilho
tomada pelo anjo
Maria foi fecundada
não sei por quem
mas acho que não era
ou era
ninguém.
Ninguém devia mexer com isto assim.
Você, ninguém
poderia ter nascido outro.
No entanto ninguém existe.
É importante, tem uma voz.

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

(São Paulo, 1984) é poeta, astróloga e uma das editoras das Edições Chão da Feira. Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestre em estudos portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Autora de *Cantos de Estima* (São Paulo, edição da autora, 2009 - Lisboa, Douda Correria, 2015); *Alforria Blues ou Poemas do Destino do Mar* (Chão da Feira, Belo Horizonte, 2013); *O Túnel e o Acordeom* (Lisboa, Não Edições, 2013), *Seiva Veneno ou Fruto* (Belo Horizonte, Chão da Feira, 2016).

MARCELO MONTENEGRO

Buquê de presságios

De tudo, talvez, permaneça
o que significa. O que
não interessa. De tudo,
quem sabe, fique aquilo
que passa. Um gerânio
de aflição. Um gosto
de obturação na boca.
Você de cabelo molhado
saindo do banho.
Uma piada. Um provérbio.
Um buquê de presságios.
Sons de gotas na torneira da pia.
Tranqueiras líricas
na velha caixa de sapato.
De tudo, talvez, restem
bêbadas anotações
no guardanapo.
E aquela música linda
que nunca toca no rádio.

Sinopse

Canetas que falham ao lado do telefone.
O baque das havaianas na escadaria.
O labor sigiloso de um poema.
Um gemido de geladeira
nalgum ponto perdido do dia.

Um copo que nosso brusco
e cômico malabarismo
evitou que se quebrasse.

Parmegiana song

1.
Tem dias me arreganho
Noutros me desconheço
Me pulverizo, jogo no cesto
Todo e qualquer sentido
Me sofisticado, desvendo os nós
Do meu próprio avesso
Tem dias me apanho arisco
Não me convenço, me desminto
Me surpreendo, dinamitando a volta
Das pontes que eu atravesso
2.
Tem dias que penso: quanto mais épico
Mais íntimo, depois, sem jeito
Eu mesmo me desconverso
Tem dias cabaré, noutros
Convento, e retiro o que sinto
Assim, subindo meu preço

MARCELO MONTENEGRO

(São Caetano do Sul, SP, 1971) é um dos principais nomes da nova poesia brasileira, autor de *Forte Apache* (Companhia das Letras, 2018), que além de poemas inéditos reúne também seus dois primeiros livros na íntegra – *Orfanato Portátil* (2003) e *Garagem Lírica* (2012). Além de poeta, é roteirista e criador de séries de ficção para a TV (já escreveu para HBO, Netflix, GNT, Globo, Warner e Sony, dentre outros. Em parceria com o guitarrista Fabio Brum, gravou o CD *Tranqueiras Líricas* (2017), registro do espetáculo homônimo com o qual se apresenta desde 2005 dizendo seus poemas ao som de rock'n'roll, blues e jazz.

ANDRÉ DE LEONES

Eufrates (excerto)

Antes que a coisa desandasse, antes que a gritaria tomasse a sala, quando os dois casais papeavam na cozinha, lara depois se lembraria de observar como, não muito depois de se apresentarem e iniciarem a conversa, Moshe e Jonas já pareciam completamente à vontade um com o outro, ensejando um modo bastante particular de trocar ideias, fazer piadas, rir do que quer que fosse, feito dois tenistas se aquecendo antes de um jogo, trocando golpes a meia altura, backhands e forehands, colocando a força necessária apenas para que a bola passasse por sobre a rede e chegasse ao outro lado da quadra, sem que nenhum dos dois jamais iniciasse a disputa propriamente dita, agredisse o adversário, tentasse tirá-lo da quadra e buscasse o ponto, até porque não havia pontos em disputa. Aquilo era um eterno aquecimento entre dois jogadores que apreciavam única e exclusivamente a troca amistosa de bolas, ignorando todo o resto ao redor. E, cinco anos depois, na noite em que informou Moshe de sua decisão de ir embora, de deixá-lo, de se separar, antes de procurá-lo para falar com ele a respeito disso, lara passou um bom tempo trancada no banheiro, pensando em qual seria a melhor maneira de dizer o que precisava dizer, temerosa de que ele reagisse mal, não queria uma briga, não queria agredi-lo ou ser agredida, não queria xingamentos, não queria socos e pontapés nos móveis e nas paredes, objetos voando daqui para lá, espatifando-se, não queria vê-lo furioso. Odiava a maneira como ele falava quando enraivecido, um ódio que parecia dirigido a ela mas, lara sabia muito bem, era profunda e primordialmente dirigido a si mesmo. Ali no banheiro, enquanto respirava fundo, enquanto escolhia as palavras que usaria, ela se lembrou daquela noite, do aniversário de Ana, da festa interrompida pela overdose. Pensou na rapidez com que Jonas e Moshe se entenderam. Achava ótimo que ele tivesse um amigo tão próximo, uma vez que parecia não cogitar uma aproximação real do pai e, a rigor, não houvesse mais ninguém com quem convivesse e se sentisse à vontade. Por mais que estivesse pronta para ir embora, para deixá-lo, por mais que os últimos dois anos de relacionamento tivessem sido gradativamente horríveis, preocupava-se com ele, torcia para que ficasse bem, até porque [também pensava, também se lembrava de que] Moshe fora essencial para que ela ficasse bem após a morte de Marcelo, para que ela se recuperasse da perda, tornando-se por um tempo a família que lhe fora arrancada, tornando-se a figura imprescindível que estava presente quando mais precisou, que se dispôs a acolhê-la, que cuidou dela e tudo o mais. Por piores que as coisas tivessem ficado, por pior que ele tivesse se tornado, sobretudo para si mesmo, sempre e sobretudo para si mesmo, há dívidas impossíveis de serem pagas, e lara jamais esqueceria o quão generoso, o quão importante, o quão bom Moshe fora para com ela. Que tudo tenha saído dos eixos de um jeito tão escroto são outros quinhentos, pensava, apoiada na pia com as duas mãos, a respiração entrecortada, e não havia mais nada que pudesse fazer para ajudá-lo, até porque passava da hora de procurar uma maneira de ajudar a si mesma.

ANDRÉ DE LEONES

foi criado em Silvânia (GO) e vive hoje em São Paulo. Em 2006, venceu o Prêmio Sesc de Literatura com seu romance de estreia, *Hoje Está um Dia Morto*, adaptado ao cinema por Robney Bruno Almeida (*Dias Vazios*). Publicou a antologia de ficções breves *Paz na Terra Entre os Monstros* e os romances *Como Desaparecer Completamente*, *Dentes Negros*, *Terra de Casas Vazias*, *Abaixo do Paraíso* e *Eufrates*. É graduado em Filosofia pela PUC/SP e colabora com os jornais *O Estado de São Paulo* e *O Popular*.

GUSTAVO PACHECO

Zakaly

O homem tem a cara marcada pela varíola. Fala em voz baixa e tem um sotaque esquisito. Mesmo assim, Zakaly entende o que ele quer dizer: eles vão nos comer. Espremido entre os adultos, Zakaly escuta o homem contar o que entreouviu: assim que todos descerem do barco, já estará tudo pronto. Estão preparando uma grande festa para o governador deles. E o prato principal somos nós. Então é verdade, pensa Zakaly. As histórias correm de boca em boca, com detalhes diferentes, mas os personagens são sempre os mesmos: seres sinistros, de longos cabelos e caras vermelhas, que se deleitam em comer carne humana. Alguns dizem que eles assam a gente na brasa, outros afirmam que eles nos cozinham em um caldeirão. Muitos dizem que eles têm predileção por crianças, por terem a carne mais tenra. Zakaly se apalpa, imaginando que gosto terão seus braços, sua barriga, suas pernas. Os adultos, nervosos, perguntam ao homem: mas você tem certeza? O homem balança a cabeça, gravemente. É escravo dos brancos há quase dois anos, entende a língua deles. Viu duas vezes os brancos comendo gente em grandes banquetes, e nem que vivesse dez mil anos se esqueceria disso. Não sabe por que os brancos o pouparam até agora, mas sabe que não vai durar muito e não quer morrer devorado.

Diz que há poucos brancos no barco e que, se atacarmos de surpresa e tivermos sorte, conseguiremos matar todos. Matar todos? E depois, fazemos o quê?, pergunta um dos adultos. Quem vai dirigir o barco nesse rio imenso, onde não se vê as margens? O homem responde que conhece os rudimentos da arte de pilotar o barco dos brancos e que acha que, com a ajuda dos demais, consegue levá-lo até terra firme. O pior caminho, diz ele, é não fazer nada, isso sim é morte certa. Zakaly trinca os dentes e sente o coração bater mais rápido. Pensa em todas as vezes em que viu o pai e os tios voltando das caçadas, imaginando com medo e desejo o dia em que também teria que mostrar sua bravura. Mas antes que esse dia pudesse chegar, antes mesmo de ter sido levado com outros meninos de sua idade para a cerimônia com os espíritos da floresta, foi capturado e teve que caminhar trezentos quilômetros até chegar, mais morto do que vivo, a um curral cercado de paliçadas às margens do rio Cuácuá, perto da vila de Quelimane, na África Oriental Portuguesa. Vinte e cinco quilômetros rio abaixo, ancorado na foz do rio, o bergantim Justiça, de bandeira brasileira, esperava pacientemente Zakaly e 527 outros homens, mulheres e crianças. A morte não tem dono, dizem os mais velhos, ela é de todos, e nas semanas seguintes morreriam 78 pessoas, esmagadas e asfixiadas nos porões lotados do barco, doentes por causa da comida ou pela falta dela, ou afogadas depois de terem se jogado nas águas do Oceano Índico. Zakaly olha os que sobraram, amontoados e enfraquecidos, e não consegue imaginar esse exército de espectros comandando o barco. Mas os mais velhos também dizem que a cobra trepa nas árvores mesmo sem ter pés...

GUSTAVO PACHECO

nasceu no Rio de Janeiro em 1972. É doutor em antropologia pelo Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Traduziu para português obras de Roberto Arlt, Julio Ramón Ribeyro e Patricio Pron. É diplomata e trabalhou em Buenos Aires, na Cidade do México e em Brasília, onde vive atualmente. É colunista da revista *Época*. *Alguns humanos*, publicado em 2018 pela editora Tinta da China Brasil, é seu primeiro livro de ficção.

Prefeitura de São Paulo Bruno Covas
Secretaria de Cultura André Sturm

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Núcleo de Curadoria Cadão Volpato **Supervisão de Ação Cultural** Adriane Bertini e equipe **Supervisão de Acervo** Eduardo Navarro Niero Filho e equipe **Supervisão de Bibliotecas** Maria Aparecida Reis e equipe **Supervisão de Informação** Alvaro Olyntho e equipe **Supervisão de Produção** Luciana Mantovani e equipe **Núcleo de Gestão** Francis Vieira Soares e equipe **Núcleo de Projetos** Kelly Santiago e Walter Tadeu Hardt de Siqueira

Catálogo Centrífuga **Comunicação | Coordenação** Alvaro Olyntho **Edição** Ronaldo Bressane **Projeto gráfico** Yeda Gonçalves

